



por Newton Cannito

Palhaços da Corte Cinematográfica

Terceiro mundo é foda mesmo. O subdesenvolvimento é, além de um dado econômico, uma condição de espírito. Analisaremos aqui de forma simples e sucinta, algumas formas de como o vírus do subdesenvolvimento se manifestou no cinema brasileiro dos últimos anos.

A alienação estética da classe artística

Historicamente, o artista brasileiro foi sempre o bobo da corte de uma aristocracia falida, de uma classe dirigente submissa ao poderio estrangeiro. Impossibilitada de competir e incompetente para criar, nossa arte (e nosso cinema) costuma se isolar fazendo, quando muito, pastiches do referencial francês decadente. A função social de nossos artistas sempre foi alimentar o sonho de modernidade que assalta parte de nossa elite. Para isso a forma ideal foi produzir uma arte complexa e empolada que, sob a justificativa de vanguardismo, se afasta da comunicação com o público; uma arte que, sob a justificativa de voltar aos clássicos de nossa cultura (da literatura e da música, principalmente), se aliena do mundo e da própria discussão artística contemporânea; uma arte que permanece presa a temas e formas ultrapassadas não conseguindo responder as demandas estéticas do momento histórico em que é produzida. Uma arte que, em termos comerciais, circula parcamente no mercado interno (apenas para a elite empolada com pretensões estetizantes) e inexistente no mercado externo.

O maior exemplo de como essas condições sociais e esses pressupostos estéticos resultaram num cinema patético é *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, filme de Paulo Tiago,

baseado em obra de Lima Barreto. Mas poderíamos colocar também boa parte da produção recente de Júlio Bressane, sem contar as recentes adaptações de Guimarães Rosa (*A Terceira Margem do Rio*, de Nelson Pereira dos Santos; e *Outras Estórias*, filme de Pedro Bial).

Yes, nós queremos mercado!

Contrapondo-se aos “verdadeiros” artistas existiu no ciclo do Renascimento uma produção de cinema comercial, que fracassou ao tentar alcançar o grande público. Parte desses produtores vem da década de 70 e, inconscientes da elitização econômica do público de cinema no Brasil, quiseram reproduzir modelos que vingaram no passado. Como resultado confundiram filme de grande público com filme de temas populares e ficaram presos a um humor grosseiro recheado de apelação erótica. Além disso, enquanto o cinema comercial americano produz filmes com extremo cuidado artesanal, nossos cineastas comerciais, por incompetência somada a desleixo, costumam cometer erros grotescos de roteiro e direção.

Os exemplos desse cinema foram vários, passando por *O Cangaceiro*, de Aníbal Massaini e *Buena Sorte*, de Tania Lamarca; duas bombas dignas de se inserirem nas coleções particulares de adoradores de filme trash.

Mas a esperança está no futuro...

Mas uma nova geração está surgindo. Em São Paulo ela faz rituais periódicos no MIS chamados por alguns de Mostras de Curta Metragem. Reza o protocolo que nesses rituais cada cineasta deve bater palma para o filme do outro cineasta. Como a

platéia é formada preponderantemente por cineastas com filmes inscritos, o sucesso do filme é sempre garantido. O respeito e admiração de seus pares dá, ao jovem cineasta, a legitimidade para continuar seu árduo trabalho, incentivando-o a passar mais um ano produzindo seu próximo filme para concluí-lo a tempo de inscrevê-lo novamente no próximo Festival, e ser novamente aplaudido por seus pares, fechando o círculo místico da produção cinematográfica que, reza a lenda, um dia mudará o cinema brasileiro.

Se quisermos fazer um cinema de qualidade, devemos criar reais condições para que jovens estudem e façam cinema, ampliando a classe cinematográfica para além do ambiente abastado dos jardins, oxigenando nosso cinema com novos temas, formas e idéias. Isso só é possível com uma política educacional e cultural atuante.

Concluindo...

É claro que neste texto falei da parte ruim de nossa cinematografia que, infelizmente, ainda é maior que a parte boa. Não são nossos primos ricos que, por estudar e morar no exterior e conseguir premiações redimirão o grosso da produção do renascimento, pautada por um primarismo estético, inocência ideológica e incapacidade artesanal. Um país onde cineastas que realizaram fracassos de público e crítica como *Buena Sorte* e *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, conseguem realizar o próximo filme, necessita rever urgentemente sua política cinematográfica, para evitar o deslavado desperdício de dinheiro público.